

DOSSIER

REVOLUTION

(título Provisório)



25 de ABRIL
PARA SEMPRE

DRAMATURGIA, ENCENAÇÃO E CENOGRAFIA
Gonçalo Guerreiro

COCRIAÇÃO **ASTA Teatro** COVILHÃ **Baal 17** SERPA
d'Orfeu AC ÁGUEDA **Teatrão** COIMBRA



O Povo Unido

Águeda, Coimbra, Covilhã e Serpa são territórios – casas da d'Orfeu, Teatrão, ASTA e Baal17. Estas estruturas, todas com trabalho artístico, pedagógico e comunitário há mais de 20 anos, decidiram desafiar-se a uma coprodução que sozinhos não poderiam nem queriam fazer. Porque o desafio era conhecerem-se, trocarem processos e metodologias de trabalho e afirmar a importância da atividade artística descentralizada e enraizada que todos desenvolvem com os seus públicos. Era também revolver o presente para tentar encontrar nele algo dos 50 anos de Abril. Era também convocar o coletivo, encher o palco e os bastidores de força e energia e alegria e trabalho e esperança e camaradagem. Volvidos 50 anos precisamos de sorver Abril para encontrar um sentido para o caminho. E unidos temos menos probabilidades de sermos vencidos. ASTA, BAAL17, D'ORFEU E TEATRÃO

TEXTO ORIGINAL

Em “Revolution (Título Provisório)”, o meu processo criativo consistiu em desafiar as percepções comuns sobre o conceito de revolução, especificamente em relação à Revolução dos Cravos – um evento histórico tão importante que muitas vezes é romantizado ou idealizado superficialmente. Para tornar isso possível, trabalhei em estreita colaboração com o encenador Gonçalo Guerreiro, reinterpretando a história de

forma criativa. Através de uma abordagem colaborativa e da exploração do pensamento do filósofo Daniel Innerarity, concebi cenários, espaços, situações, vozes e corpos, ritmos e modos de sentir e pensar, mapeando a sociedade atual como um veio transfigurador que evoca as forças criadoras para criar uma experiência teatral singular e única. Em “Revolution – Título Provisório”, não estamos simplesmente a recriar a atmosfera da época da Revolução dos Cravos. Em vez disso, criamos um caminho imaginativo e muitas vezes surrealista, cujo desafio é repensar as nossas próprias compreensões da história e do processo democrático que se seguiu. Da mesma forma, o texto leva-nos numa jornada inesperada através de situações absurdas, irónicas e provocadoras, mas também afetivas e humanas, que nos desafiam a refletir sobre as escolhas políticas e sociais da época e como podemos forjar um futuro mais justo e equitativo para todos. Assim, proponho também revigorar a nossa realidade, numa espécie de alegria subversiva contra a pulsão da barbárie: uma experiência teatral intensa e estimulante que produza novas éticas e formas de pensar, que vá além do simples entretenimento e busque provocar reflexões profundas sobre a complexidade da nossa sociedade e do nosso mundo atual.

TIAGO ALVES COSTA

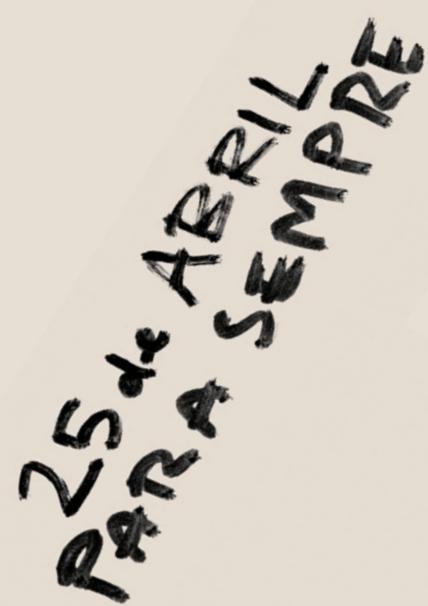
DRAMATURCIA, ENCENAÇÃO E CENOCRAFIA

A ASTA, a Baal17, a d'Orfeu AC e O Teatrão lançaram-me o desafio de criar um espectáculo /celebração dos 50 anos da revolução portuguesa do 25 de abril que refletisse sobre o exercício das democracias actuais usando como inspiração o pensamento filosófico de Daniel Innerarity. Em cena estariam desasseis pessoas, entre actrizes, actores e intérpretes musicais. O resto era um mistério a desvendar pela subjectividade da minha imaginação, como eu tanto aprecio. Muito obrigado pela confiança.

A obra do filósofo Basco ajudou-me a definir uma criação que projectasse o futuro, que nos ajudasse a visualizar o destino a evitar e a não perder a esperança num povo unido a defender a liberdade. A principal ameaça das democracias contemporâneas é sem dúvida a simplicidade. Os partidos tradicionais deixaram de ter respostas para os problemas mais complexos e a extrema direita beneficia-se disso porque é apologistas da uniformidade, da simplificação e do infantilismo dos antagonismos que pretende implantar através de medidas autoritárias, xenófobas, machistas e violentas. Ao mesmo tempo, estamos a construir um mundo no qual existe um combate constante por chamar a atenção e onde o exercício político assume moldes altamente exibicionistas e oportunistas. Pondo em valor as propriedades pessoais do líder disfarça-se a complexidade governativa, recupera-se uma aparente inteligibilidade política e acentua-se o seu valor de entretenimento. Este sentido de distração acabou por marcar toda a composição dramatúrgica do espectáculo e espero que reclame o sonho como matéria consciente de comedimento político.

“Revolution” é um título provisório porque talvez não seja necessária uma revolução hoje em dia, ou talvez não seja possível, ou as reformas que as democracias contemporâneas necessitem não se circunscrevam no termo “revolução”. Mas caso cheguemos à conclusão de que uma revolução é necessária, será melhor anunciar-lá em inglês para que o desejo seja global e transporte a esperança de um povo decididamente unido para vencer.

A minha prática artística baseia-se numa forte relação do corpo com o espaço e o objecto, em que o primeiro funciona como uma figura que necessita um fundo do qual se possa destacar, assumindo uma herança directa das artes visuais. O elemento fundador é sempre um dispositivo cenográfico habitado pelas referências espaciais onde os corpos possam existir. Dentro desta lógica estructural, a cenografia de



Revolution (título provisório) surgiu motivada por todos os obstáculos presentes no quotidiano colectivo e em estreita relação com a noção de política-entretenimento: O espaço público inundado pelo privado, o político-aparência, as crescentes dificuldades na opção eleitoral, a falta de informação, o abismo e a humilhação social. Neste ponto estavam criadas as condições para que o texto pudesse surgir e integrar-se num todo ético e formal. Um texto com responsabilidades temáticas em formato poema e que não fosse convocado a assumir funções narrativas. Do diálogo entre as palavras e o contexto físico nasceu uma imagética que finalmente ganhou corpo, voz, som, cor e forma.

Foi com um enorme entusiasmo que uma vez mais tive a ocasião de trabalhar com a escrita do meu amigo Tiago Alves Costa. A mesma satisfação com que pela primeira vez guiei os gestos e os movimentos das actrizes e dos actores ao som das melodias do Artur Fernandes, que construí texturas com os figurinos da Filipa Malva e que descobri os segredos da cenografia ainda por revelar graças à iluminação do Pedro Fonseca.

Quero agradecer à Patrícia Lestre a mestria com que fez nascer as vozes cantadas das suas companheiras e companheiros em cena; e ao Fabrice Ziegler, incansável na pesquisa e construção dos adereços, nas provas incessantes de cor e numa generosa atitude em dar coerência estética a todo o conjunto teatral. Por último, um obrigado cheio de carinho a todo o elenco, um conjunto de pessoas fascinantes que tive junto a mim horas a fio nas salas de ensaio, criando, interpretando e ajudando-me a perceber o grau de pertinência das propostas que lhes fui fazendo, sempre com uma disponibilidade louvável e um compromisso exemplar. É o grupo que me faz acreditar na solidariedade, no futuro e no poder transformador da criação artística.

GONÇALO GUERREIRO [o autor escreve segundo a antiga ortografia]

REVOLUÇÃO
NUNCA MAIS!



DIREÇÃO MUSICAL

Uma equidistância entre desafio e responsabilidade, um equilíbrio entre utopia e liberdade. Foram estas as sensações que me cingiram quando aceitei o desafio do mano mais novo: escrever música para um espetáculo de teatro, com música ao vivo, a celebrar o cinquentenário da revolução.

Configurámos a orquestra, não com instrumentos, mas com pessoas que tocam instrumentos. Ficou esquisita a invenção: Acordeão, Saxofone, Trombone e Ukulele!

Tentei então desenhar um som que memoriasse o futuro, mais do que projetasse o pretérito, que evidenciasse mais a utopia do que o estilo, mais o conteúdo do que a forma. Um som que apaixonasse quem o tocasse e que almejasse o encantamento por quem se deixasse tocar. Esse foi o designio.

ARTUR FERNANDES

CRIAÇÃO DE FIGURINOS

Partindo das cores definidas pela encenação e cenografia, o desenho de figurinos centra-se no contraste cromático entre tons neutros do coro e o vermelho do cenário. A diversidade de corte e forma facilita o movimento no espaço e lembra que cada corpo, fazendo parte de um todo, tem uma individualidade essencial. Mais tarde no espetáculo o coro de cores neutras desaparece para dar lugar a um brinde à Democracia, que veste múltiplas camadas de azul turquesa, e o Xerife, de cinzento se destacam, dissonantes, da celebração a vermelho. Ela, celebrada mas cansada, ainda de esperanças, e ele, mandador do poder, uma sombra que já se estende sobre todos. Do povo/coro apenas fica um, de beije, que corre para se fazer ouvir. FILIPA MALVA



Foto: Ana Filipa Flores

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

TEXTO Tiago Alves Costa

ENCENAÇÃO, DRAMATURGIA E CENOGRAFIA Gonçalo Guerreiro

INTERPRETAÇÃO Beatriz Mendes (trombone),

Carmo Póvoas Teixeira, Carolina Carvalhais, David Meco,

Edmilson Gomes, Eva Tiago, João Gomes, Marco

Ferreira, Mónica Tavares, Patrícia Lestre (ukulele, voz),

Rodrigo Neves (saxofones), Rui Ramos, Sandra Serra,

Sérgio Novo, Sónia Sobral (acordeão) e Teosson Chau

DIREÇÃO MUSICAL Artur Fernandes

COMPOSIÇÃO MUSICAL Artur Fernandes exceto “Negócio

de Lágrimas” e “Lobo do Mar” (Patrícia Lestre) e

“Improviso REVOLUTION” (Rodrigo Neves)

DIREÇÃO VOCAL Patrícia Lestre

DESENHO DE LUZ E DIREÇÃO TÉCNICA Pedro Fonseca

FIGURINOS Filipa Malva

ADEREÇOS Fabrice Ziegler

FOTOGRAFIA Fabrice Ziegler e Ana Filipa Flores

GRAFISMO Studio And Paul

COMUNICAÇÃO Ana Filipa Flores, Isabel Craveiro, Sandra Serra, Rui Pires

CONSTRUÇÃO CENOGRAFIA José Baltazar

OPERAÇÃO SOM Rui Oliveira/Echo Colectivo

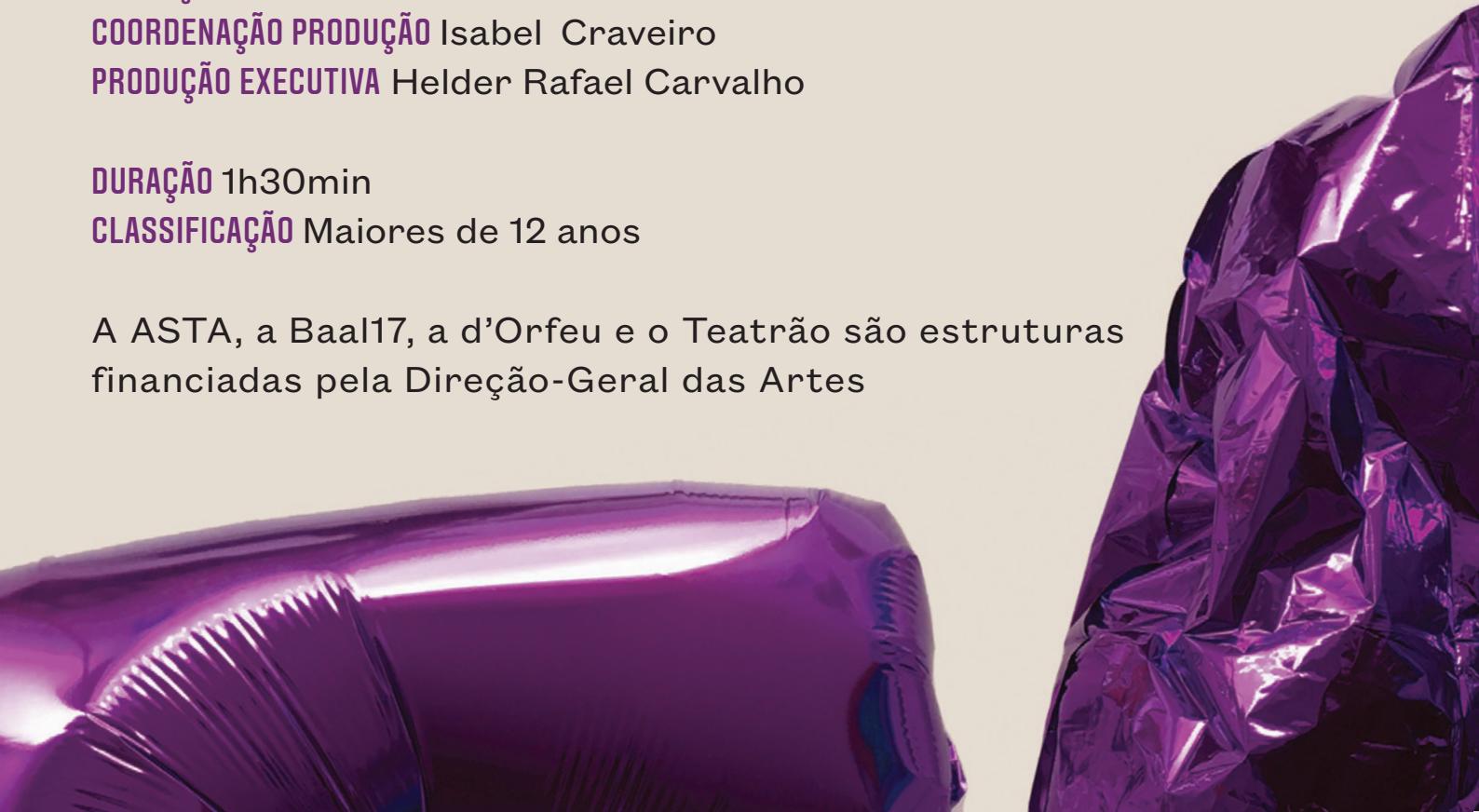
COORDENAÇÃO PRODUÇÃO Isabel Craveiro

PRODUÇÃO EXECUTIVA Helder Rafael Carvalho

DURAÇÃO 1h30min

CLASSIFICAÇÃO Maiores de 12 anos

A ASTA, a Baal17, a d'Orfeu e o Teatrão são estruturas financiadas pela Direção-Geral das Artes



ASTA

A ASTA – Associação de Teatro e Outras Artes, foi fundada em 2000. A sua identidade está assente numa cultura transdisciplinar, que tem por base o teatro. Desde a sua origem procura a originalidade e a diferença, numa constante procura de novos métodos e linguagens, seja reinventando clássicos ou criando a partir do espaço vazio. O seu trabalho é bastante diversificado, centrando-se em cinco eixos principais: Criações; Circulação; Festivais/Programação; Serviço Educativo e Projetos de Investigação.

Anualmente organiza quatro festivais: contraDANÇA – Festival de Dança e Movimento Contemporâneo (12 edições) que tem decorrido simultaneamente em vários municípios (Covilhã, Gouveia, Fornos de Algodres, Seia, Castelo Branco, Fundão, Belmonte e Santa Maria da Feira); PORTAS DO SOL – Festival de Artes de Rua (3 edições); Ciclo de Teatro Universitário da Beira Interior (26 edições) e a ensinARTE – Mostra de Teatro Escolar (10 edições).

BAAL17

A Baal17 – Companhia de teatro, está sediada em Serpa, desde 2000, com o objetivo estrutural de fomentar o interesse das populações pela cultura em geral e pelo teatro em particular, interligando a Companhia com as escolas, a comunidade e as mais variadas entidades nacionais e internacionais. A sua atividade desenvolve-se em três áreas: A criação teatral e a itinerância (produziu até hoje 50 espetáculos de teatro); a Programação (NNN – Noites na Nora: evento multidisciplinar que comemora em 2022 a 23.^a edição; e Cenas de Novembro – Encontro de Teatro); e a Educação, onde desenvolve o programa de Teatro, Educação e Comunidade (TEC). Deste programa fazem parte um conjunto variado de iniciativas que, junto de diversas instituições locais e regionais, permitem aproximar o público do

objeto artístico. Tirando partido de diversas técnicas e metodologias pedagógicas e artísticas, TEC promove a experimentação, a reflexão, o contacto com o outro, e sobretudo o encontro de ideias e pessoas.

D'ORFEU

A d'Orfeu é uma associação cultural que iniciou a atividade em 1995 em Águeda com o objetivo de dinamizar atividades culturais através da música e da sua relação com todas as outras formas de expressão. Nos primeiros anos dinamizou energeticamente a formação das músicas tradicionais, rurais e urbanas, apresentando inovadores olhares sobre a tradição e organizou espólio documental. Nos anos seguintes, depositou atenção na criação de variadíssimos eventos públicos como os festivais temáticos com a perspicácia constante de apresentar oferta cultural normalmente alternativa em Portugal. A d'Orfeu tem vindo a dedicar-se ao reforço e à dinamização de recursos de apoio à criação e desenvolvimentos artísticos. Geograficamente expandida, tanto pelas relações que foi sustentando local

e internacionalmente como pela diversidade de interesses, a associação ultrapassa hoje o seu espaço físico através de todos os seus sócios, amigos, alunos, parceiros, etc que pela sua atividade multirelacional representam uma vontade muito humana: a de questionar a cultura que temos, baralhar criativamente e voltar a dar.

TEATRÃO

O Teatrão foi fundado em 1994, dedicando-se à criação de espetáculos e atividades pedagógicas para a infância, inexistentes até então na cidade de Coimbra. Após a Capital da Cultura de Coimbra, em 2003, instalou-se no Museu dos Transportes. A possibilidade de programar trouxe-nos oportunidade de desenvolver dinâmicas para públicos mais diversos, fundamentais para a evolução do projeto e que transformaram este espaço provisório numa das principais salas de espetáculo da cidade. Em 2008 assume a Oficina Municipal do Teatro, transformando este espaço num polo dinâmico de programação cultural, proporcionando à cidade espetáculos dos mais variados géneros e para diferentes públicos, iniciando um projeto que assenta na relação aberta e informal com todos os agentes,

parceiros e públicos da cidade e do país, ampliando a sua oferta educativa e explorando diferentes formas teatrais nas suas criações. Em 2014 concebe a Rede Artéria – criação e programação – que operou em 8 municípios da Região Centro. Atualmente distinguem-se por ser um projeto empenhado na criação teatral que afirme a qualidade dos seus profissionais e desafie os públicos, cruzando-os com os seus projetos pedagógicos e os projetos de mediação e participação das comunidades. O Teatrão é o único espaço acessível da cidade, com LGP e Audiodescrição. A OMT integra a RTCP e a Rede de Teatros de Programação Acessível. Ajudou a criar e faz parte da direção da Descampado, rede de estruturas das Artes Performativas de todo o país, descentralizadas e com lógicas inovadoras de cooperação, sustentabilidade e valorização dos territórios.



CONDIÇÕES DE APRESENTAÇÃO

- O cachet para uma apresentação é de 8.000€ (oito mil euros), sendo o valor isento de IVA (art. 9.º CIVA);
- Deverão ser asseguradas as seguintes condições:
 - a deslocação de uma comitiva de 22 pessoas;
 - a alimentação e alojamento da comitiva, para um período de 3 dias de trabalho;
 - o transporte do cenário;
 - as devidas licenças relativas ao espaço de apresentação, bem como os direitos autorais do espetáculo.
- As necessidades de natureza técnica e logística devem ser consultadas no rider, enviado em anexo;



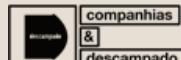
INFORMAÇÕES

aasta.info | baal17.pt | dorfeu.pt | oteatralo.com

Cocriação:



Teatrão



Estruturas financiadas e apoiadas por:



CÂMARA MUNICIPAL
COIMBRA



Apoio à produção:



Media Partner:

